

O BERÇO da GREI

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanaário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTÓNIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.
Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalhão

A "Casa dos Pobres" e o seu significado social

A acção beneficente da «Casa dos Pobres» está integrada nos princípios de assistência social que orientam os modernos sociólogos arrebatados pela expansão do ideal da caridade.

Os grandes e espaçosos edifícios, com os seus largos dormitórios e refeitórios, destinados ao alojamento de legiões de indigentes, justificados em determinados casos, não se amoldam, todavia, a uma acção social tendente a aliviar as famílias das múltiplas dificuldades que as assoberbam.

Da legislação do Governo de Salazar sôbre matéria de assistência, depreende-se uma orientação objectivada no sentido de, junto dos lares, remediar as deficiências aviltantes de uma vida humana.

O alojamento em montão, afrouxa os sentimentos da solidariedade familiar; amolece o espírito de sacrificio entre as pessoas unidas pelos laços consanguíneos; enfraquece o dever de assistência para com as pessoas de família em desoladoras condições económicas; apaga o fogo da lareira, à volta do qual, a família deve reunir-se nas horas de alegria e nas horas de adversidade.

Contribue também, esperançados num futuro asilo ou albergue, para o desperdício de economias, que acumuladas nas épocas de folgança, podiam servir de lenitivo nas quadras de ruína.

As instituições sociais tendentes à distribuição de benefícios conforme os diversos aspectos de revezes que devastam as famílias tem uma função mais elevada e moralizadora.

E' precisamente dentro dêste critério que a «Casa dos Pobres» orienta a sua actividade.

Numa visita que há semanas fizemos a esta benemérita instituição, na amável companhia do Sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis, activo tesoureiro da «Casa dos Pobres», mais do que a metódica distribuição de aposentos, do que o asseio irrepreensível que por toda a parte se observa, impressionou-nos a acção social desta gloriosa instituição, escalonada em tantas modalidades beneficentes quantos os aspectos da miséria e desfortuna que afligem os lares.

Entre estas modalidades, sobressaem os subsídios de rendas de casa, as concessões de donativos, a obtenção de trabalho, o alojamento de pobres de passagem em tarimbas higiénicas e acolchoadas, a distribuição de roupas, de refeições a pobres, grátis, e a operários por preços módicos.

No ano findo, a média mensal de refeições a operários foi de 2.707.

Eis a ementa da refeição do dia em que visitamos esta casa: — sopa de hortaliça e de feijão; prato: arroz de polvo ou feijão miúdo com bacalhau frito, pão e vinho.

Tudo por 1\$50.

Este aspecto de assistência social traduz o carinho que a esta «Casa» merecem as classes trabalhadoras O Berço da Grei que ao serviço da causa operária tem pôsto toda a sua boa vontade, ao reconhecer tam grandiosa iniciativa, lembra aos dirigentes dos Sindicatos, fidedignos representantes do trabalho, que são horas de irem pensando na forma mais condigna de aos fundadores, directores e bemfeitores desta gloriosa instituição, prestarem uma sentida homenagem, tradutora da gratidão que as classes operárias consagram a aqueles que por elas fazem bem.

A' MARGEM

O «Notícias de Guimarães» velado e reticente...

O descalabro moral, social e político da vizinha Espanha sob o governo das esquerdas, não sofre contestação. Nem a própria imprensa radical esconde esta verdade.

As «queimas» de conventos, as lutas civis, os incêndios de igrejas, os assaltos a casas particulares, os atentados pessoais, que anarquizam a vida espanhola, são verdades que todos os sectores da imprensa proclamam.

Só o *Notícias de Guimarães*, arrebatado pelo grande amor que dedica a esta terra laboriosa e pacífica, insinua em linguagem velada e sibilina, «que só a curiosidade maldizente e estúpida, acredita» — entre muitas e variadas cousas — na «miséria moral e social que vai pela Espanha», que a grande imprensa impinge «pela módica quantia de 30 centavos».

Na opinião do *Notícias* só a curiosidade maldizente e estúpida crê no que diz a grande imprensa.

Será esta opinião, velada e sibilina, emitida pelo muito amor que dedicam a Guimarães ou pelas simpatias sugeridas pelas esquerdas espanholas no poder?

Máscaras abaixo, que a hora é de atitudes francas!



O «Notícias de Guimarães» rebaixando a nossa terra

Pessoa estranha a Guimarães, que nunca visitou esta terra, ao ler os *sultos* do *Noticias*, no seu número último, convence-se de que a nossa cidade é pior do que algumas vilórias perdidas nos confins das serras.

«O piso das artérias citadinas é do pior que conhecemos.»

As trevas envolvem a cidade. E' com todo êste exagêro que o *Noticias de Guimarães* classifica a pavimentação da cidade e a sua iluminação.

Ha deficiências, faltas, lacunas, por vezes bem lamentáveis, que a imprensa cumpre apontar às instâncias oficiais, para que sejam reparadas.

Generalizar casos localizados aqui e além, pintar o quadro com tintas negras, dando a qualquer estranho a impressão de que Guimarães é uma aldeia de Paio Pires, isso, srs. do *Noticias*, é contribuir para o desprestígio da nossa terra.

Apontem-se as deficiências, mas sem exageros que desacreditem a nossa cidade.

DA CIDADADE

SOCIEDADE

VIDA CATOLICA

ANIVERSÁRIOS:

Durante a próxima semana fazem anos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 23 — D. Leonor Lucinda de Oliveira Cardoso e D. Margarida de Melo Breyner.

Dia 28 — D. Ana Felgueiras Cardoso de Menezes e D. Ana Cardoso de Macedo Martins de Menezes.

E os ex.^{mos} srs.:

Dia 28 — Antonio de Carvalho Jacinto.

DE VISITA:

Vimos nesta cidade o ex.^{mo} sr. tenente-coronel Luiz Pereira Loureiro.

— De visita a sua ex.^{ma} família esteve nesta cidade o ex.^{mo} sr. dr. Gonçalo Monteiro de Meira, dig.^{mo} conservador do Registo Predial de Oliveira de Azeméis e nosso prezado assinante.

— Também tivemos o prazer de ver nesta cidade o ex.^{mo} sr. comandante António Garcia, de visita a seu tio o nosso prezado assinante ex.^{mo} sr. Joaquim de Sousa Pinto.

— Tem estado no Pôrto, por motivo de doença da sua extremosa esposa, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Pereira Mendes Durão, que se encontra na casa de saúde do sr. dr. Abel Pacheco, o digno secretário da Câmara Municipal do nosso concelho e consagrado poeta, ex.^{mo} sr. dr. Americo Durão.

Banda dos Bombeiros Voluntários

Comemora no dia 25 do corrente o 33.^o aniversário da sua fundação, a Banda dos Bombeiros Voluntários, primoroso conjunto musical que, sob a regência de António Guise, tem conquistado verdadeiros triunfos.

"O BERÇO DA GREI"

Agradecemos ao colega local *Comércio de Guimarães*, as palavras de aprêço que dedicou ao nosso número comemorativo do egrégio Sábio arqueólogo Martins Sarmiento.

FESTAS DA CIDADE

Reuniu na pretérita segunda-feira a Comissão Executiva das Festas da Cidade, que este ano são consagradas à comemoração da passagem do centenário de Gil Vicente.

Está já esboçado o programa do cortejo Gilvicentino, que em breve será apresentado a autoridades literárias para que sobre ele emitam as suas abalisadas opiniões.

4.º Domingo da Quaresma

Multiplicação dos pães

Evangelho:

Passou Jesus à outra banda do mar da Galileia, que é o de Tiberíades. Seguíam-no muitos, porque viam os milagres que elle fazia sobre os que se achavam enfermos. Subiu Jesus a um monte e ali se assentou com seus discípulos. Estava perto a Páscoa, dia da festa dos judeus. Tendo Jesus levantado os olhos e visto que tinha vindo ter com elle uma grande multidão de povo, disse para Filipe: «Aonde iremos buscar o pão de que esta gente precisa para comer?»

Falava assim para o experimentar, porque bem sabia o que havia de fazer. Filipe respondeu-lhe: «Não bastam duzentos dinheiros de pão para que cada um receba um pequeno bocado». Diz-lhe então um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro: «Está aqui um moço que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tanta gente?» Então disse Jesus: «Mandai assentar esse povo»: Havia naquele sítio muito feno. E todos se assentaram para comer, emná mero de quasi cinco mil homens. Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os aos que estavam assentados; e o mesmo fez com os peixes, dando-lhes quanto elles queriam. E, estando todos saciados, disse a seus discípulos: «Recolhei os pedaços que sobejaram, para se não perderem». Eles recolheram-nos e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que tinham sobejado aos que haviam comido. Vendo aqueles homens o milagre que Jesus obrara, diziam: «Este é verdadeiramente o Profeta que devia vir ao mundo».

E, entendendo Jesus que o viriam arrebatár, para o fazerem rei, tornou-se a retirar para o monte elle só.

(S. João, vi, 1-15).

Considerações:

Dizem os Santos Padres que Nosso Senhor operou o milagre da multiplicação dos pães não só para matar a fome aos que com tanto sacrificio o seguiam, mas também para os preparar para uma outra multiplicação não menos assombrosa — a instituição da Santíssima Eucaristia.

Na multiplicação dos pães matava a fome ao corpo e refazia-o das forças gastas na viagem; na Santíssima Eucaristia mataria a fome às almas, refazendo-as das forças gastas em lutas tremendas contra inimigos poderosos.

Sim. A Santíssima Eucaristia é verdadeiramente uma comida e uma comida sem a qual não se pode viver.

Quem não quiser tomar essa comida perecerá eternamente.

E' o próprio Jesus que o diz. Que seria de nós se Jesus não tivesse instituído este banquete de amor? Onde encontraríamos forças para vencer as tentações, coragem para viver neste vale de lágrimas?

Como é para lamentar que tantos cristãos não podiam compreender estas cousas! Apenas uma vez por ano se aproximam da Sagrada Mesa e Deus sabe com que disposições. Julgam até fazer favor a Deus.

Não se lembram que Jesus não podia fazer mais pela pobre humanidade.

«Deus, apesar de Sapientíssimo, disse Santo Agostinho, não soube dar mais; apesar de omnipotente não pôde dar mais; apesar de infinitamente rico não teve mais que dar.»

Procuremos comungar com frequência e com as devidas disposições de modo a podermos exclamar com o apóstolo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim.»

Demos Jesus às almas e no mundo viver-se-á melhor. Foi o insuspeito Taine que um dia disse: «Se o mundo pode ser salvo há-de ser pela Eucaristia.»

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da freguesia de Santo Estêvão de Urgezes

Realizou-se no passado domingo a Assembleia Geral desta piedosa Irmandade, tendo comparecido um grande número de irmãos para proceder à discussão e aprovação dos seus novos Estatutos, segundo o Código de Direito Canónico, os quais foram aprovados.

J. C. M.

E' amanhã que, pelas 9 horas, na Paroquial de S. Sebastião, se realiza a Comunhão Pascal Collectiva dos Jovens Católicos desta cidade, a qual é de esperar seja concorridíssima, a avaliar pela frequência do tríduo preparatório que se realizou nestes três dias últimos, pelas 21 horas, na mesma igreja.

Mês de S. José

Tem continuado com grande concorrência de fieis estes piedosos exercícios em honra do Patriarca S. José, padroeiro e modelo dos operários católicos, em todos os templos desta cidade.

Missas

A Mesa da Venerável O. T. de S. Francisco manda celebrar, hoje, uma missa pela alma do seu bemfeitor sr. Bernardino Gomes da Silva, pelas 11 horas na sua igreja privativa.

— Mandada celebrar pela Conferência de S. Vicente de Paulo (homens), foi celebrada na passada terça-feira, pelas 8 e meia horas, na Capela de S. Crispim, uma missa pela alma do seu saudoso confrade sr. Jerónimo Félix.

Conferência de S. Vicente de Paulo (homens)

Realizou-se no passado domingo a Comunhão Pascal desta simpática Instituição de Caridade Vimaranesense, na Capela de S. Crispim.

Compareceram muitos confrades e pobres socorridos.

Foi celebrante o rev.^{mo} sr. padre Augusto Borges, dedicado e virtuoso prior de S. Sebastião, que antes da comunhão fez uma tocante prática a todos os presentes.

Terminou esta piedosa cerimónia pela bênção do S. Sacramento e distribuição de uma bo-roa de 1 e meio quilo de pão a cada pobre.

PORQUE VENCERAM OS COMUNISTAS!

«Parece que ainda há quem se admire — neste adiantado ano da era de Cristo — do triunfo real do esquerdismo espanhol.

«E quem se espante — louvado Deus! — da criminosa passividade dos conservadores que ali vegetam.

«Ora eu entendo — salvo, é evidente melhor opinião — que o que mais espanta é o espanto dessa gente!

«E por uma razão muito clara e simples: tudo que está absolutamente a suceder à Espanha é absolutamente natural e absolutamente lógico nos seus princípios.

«Natural e lógico nos seus resultados.

«Senão vejamos:

«Porque venceram, a ponto de se apossarem do Governo, as esquerdas espanholas? Porque as urnas lhe deram mais votos? Porque o país é todo extremista? Ninguém se atreve a dizê-lo.

«A Espanha é hoje, como era ontem, estruturalmente conservadora. E esse é o seu grande mal.

«Ser conservador é ser egoísta, amigo da indiferença, do não ter dolo, dos jogos equilibristas, do «Deus é bom, mas o diabo também não é mau.»

«O conservador é o mal? De acôrdo. Dizem-no todos — e até aqueles que o são, em corpo e alma. Em casa apresenta-se como um herói à família.

«Narra façanhas que sonhou e audácias que... nunca existiram.

«Vai todos os domingos à missa, freqüenta os sacramentos, não perde uma sessão solene onde a casaca tem honras, veste do bom e do melhor e não hostiliza ninguém por uma questão de educação.

«No entanto diz mal de todos desde que possa atirar a pedra e esconder a mão.

«Em política é pela autoridade. Mas se esta estiver em maus lençóis, colocando a nação em perigo de vida, que importa isso? O necessário, o essencial — é que o negócio corra.

«E lá o vemos, — melífluo, sorridente, charuto ao canto da boca, — estender o braço ao seu inimigo da vespera».

Este claro e expressivo artigo, da autoria do distinto jornalista Manuel de Araújo, é transcrito do *Correio do Minho*.

Lamentamos apenas, não poder reproduzi-lo na íntegra.

E' assim, com verdade e de-sassombro, que devem ser focadas as questões.

Educação Proveitosa

Quem observar atentamente o entusiasmo e a alegria das crianças quando em contacto com um ideal que lhes agrada, começam-se a interessar deveras por êle, em um crescendo ansioso, mixto de curiosidade e de elevação moral, deve concordar, que é na idade infantil que as crianças começam a criar a faculdade de assimilação das ideas. E' realmente nesta idade, que a criança começa a idear um futuro de felicidades, de grandeza moral, que ela não compreende, mas que adivinha.

Estava há pouco para escrever estas considerações, quando, reparando num jornal vi um artigo de fundo sôbre a educação, que me veio muito a propósito. Lendo-o, porém, causou-me tristeza, não pela forma literária que era correcta, mas pela maneira como o articulista entende que se deve educar.

Falando de um modo geral, e referindo-se à psicologia das crianças, diz o articulista, e eu concordo, que se lhe devem estudar as tendências ancestrais, e procurar levar cada uma por si, por determinados processos de educação; porque os que a determinadas crianças são úteis e benéficos, a outras podem ser prejudiciais e nocivos. Muito bem, até aqui. O pior é que, logo adiante, emquanto concorda que à criança se não devem consentir perrices, teimosias e modos grosseiros, diz também, que se devem deixar raciocinar à vontade sôbre a deliberação dos seus actos; e a respeito do ideal supremo que deve orientar-lhes êsses mesmos actos, nada diz, ou por outra trata de encobrir, porque entende, naturalmente, que se deve dispensar a educação moral cristã, digamos tudo. Ora aqui é que está o perigo!

Todos os bons psicólogos entendem, que se devem orientar as crianças, para que elas adquiram pouco a pouco bons costumes e se não corrompam com as más. Estou mesmo certo, que pelo menos, nenhum desejaria que qualquer dos seus filhinhos viesse a ser um desgraçado por falta de educação conveniente. Quanto a processos educativos, há no entanto uma divergência profunda!

Os que pensam a fundo na questão importantíssima da educação infantil, e se guiam pelos fundamentos da experiência, da razão, isto é, pelas realidades palpáveis da vida, entendem, e com muito acôrto, que toda a educação infantil devê ter por base a moral cristã; emquanto que os idealistas sem rumo seguro, entendem, que se deve deixar à vontade a criança para que ela escolha a moral que lhe apetece. Nada mais perigoso!

Desenganemo-nos: Nós temos dentro de nós mesmos dois sentimentos, bases de toda a nossa conduta, dois sentimentos opostos, mas decisivos, e de importância capital: — o sentimento do bem, a que podemos chamar a *consciência*, e o sentimento do mal a que podemos chamar a *rebeldia*!

Guiá-los a ambos num sentido, tentar aperfeiçoá-los para o mesmo fim, é impossível! Como princípios divergentes, que são, não poderá entre êles haver conciliação alguma!

Cada qual, à medida que se fôr desenvolvendo, irá atrofiando o outro, e se lhe derem tempo aniquilá-lo-á por completo.

Pensem bem nisto todos os educadores, para que não tenham mais tarde surpresas cruéis!

(Continua na página 6)

A' MARGEM

O comércio de arroz

O governo, atenta a escandalosa subida do arroz, inaugurou no Pôrto um posto de venda ao público da comissão reguladora daquele género alimentício.

«O Estado — afirmou o sr. engenheiro Higino Cruz, no acto de inauguração do posto — não poderia consentir que o público pagasse por preços abusivos, qualidades que freqüentemente não correspondiam à categoria e à proveniência que lhes eram atribuídas.»

A tabela de preços vai desde 2840 a 2880.

E' assim, com dados concretos e realidades incontestáveis, que o Estado Novo traduz a sua ânsia de disciplina da vida económica e de protecção ao povo.



O teatro

Não sei se os leitores se lembram da maneira clara e expressiva como nós focamos a atitude do *Noticias de Guimarães* perante a questão do teatro.

Em face do tom categórico das nossas palavras esperávamos uma resposta elucidativa e ennobrecedora.

Qual não é o nosso espanto quando deparamos com esta réplica, palavras textuais: «o que aqui se disse acôrdo do teatro é opinião autorizada que está muito acima dos gritinhos de efecos sem juízo ou siso».

O que êles não esclarecem são as bases em que assenta «a opinião autorizada»; limitam-se apenas a mais êste dichote: «gritinhos de efecos sem juízo nem siso».

Convençam-se, srs. do *Noticias de Guimarães*, — o insulto nunca foi argumento.



Semana Galaico-Minhota

Promete atingir desusado luzimento a semana galaico-minhota a realizar em Braga de 20 a 27 de Junho do ano corrente.

Provincias unidas pelos laços da mais íntima afectividade, a Galiza e o Minho, vão, no próximo mês de Junho, estreitar-se irmamente.

Do programa da semana galaico-minhota, faz parte, além de largas manifestações culturais, uma grandiosa «Feira de Amostras» de produtos das duas provincias.

Guimarães, centro essencialmente industrial, deve neste certamen galaico-minhoto, fazer-se representar de maneira a enaltecer a perfeição e o esmero dos artefactos do nosso concelho.

O primor e a galhardia dos mostruários representativos das nossas indústrias, vão mais uma vez reproduzir-se na semana galaico-minhota.

ACLARANDO

Do Ex.^{mo} Sr. Manuel J. da Silva, recebeu o Director de *O Berço da Grei* a seguinte carta:

«Lisboa, 12 de Março de 1936—
... Sr. Director de *O Berço da Grei*. — Guimarães.

Nada tenho eu com as questões de imprensa vimaranense mas, no caso presente, compete-me declarar a V., tanto para seu conhecimento, como dos leitores do *Notícias de Guimarães* e dos do *Berço da Grei*, que aqueles pensamentos que andavam dispersos pelas colunas do seu illustre colega e que tanto lhe deram no gôto, são meus e só meus, e que para não dar aso a polémicas intempestivas, pedi ao Sr. Director das *Notícias* para os retirar da publicação.

Escusado será dizer-lhe que aqueles pensamentos tinham um fim patriótico, qual era o de auxiliar a cruzada em prol do monumento dos **Mortos da Grande Guerra**, e que tinham por base os dois artigos publicados sobre o assunto, especialmente **O Resgate** e a **Redenção**. Sem esforço de maior, se chegava a essa conclusão.

Agradecendo a publicação desta subscrevo-me com a devida consideração.

De V., etc. — Manuel de Guimarães (pseudónimo).

Não teria sido necessário que o Ex.^{mo} Sr. Manuel J. da Silva pedisse a publicação desta sua carta — «Agradecendo a publicação...»

Nós mesmo a gravávamos neste número — o primeiro publicado após o dia da recepção a tempo de a enviar para a tipografia — e mais cedo fariamos se ela em lugar de demorar vinte dias contados desde a publicação do *Queríamos saber...* em tempo chegasse à nossa mão.

Ter-se-ia, assim, evitado não só a repetição da pergunta e ainda que o *Notícias de Guimarães* gastasse aquele esplendíssimo estilo com que brindou em dois números sucessivos os seus leitores.

Se lealmente (e na redacção do *Notícias de Guimarães* havia obrigação de conhecer que esses pensamentos... tinham por base os dois artigos publicados sobre o assunto — «auxiliar a cruzada em prol do monumento dos **Mortos da Grande Guerra**») o *Notícias de Guimarães* tem feito essa tão simples declaração, tudo ficava aclarado... e nós, como prometemos, aqui estaríamos prontos (como estamos) a «acompanhar e auxiliar, em boa camaradagem» visto que — embora discordando profundamente do modo de conseguir a construção de esse monumento — reconhecemos que ele é «a bem da terra nossa e da nossa gente.»

Dito isto queremos dizer aos

nossos leitores, ao *Notícias de Guimarães* e aos seus leitores, que não estamos arrependidos de ter levantado a ocasião de se aclarar, por declaração competentemente assinada, aquele pensamento que tanto deu «no gôto» não só ao Director do *Berço da Grei* como a várias pessoas, que como nós ignoravam a **Redenção do monumento**.

É que bem era precisa esta declaração, pois, muito longe estamos de considerar a falta do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, como causa que necessite de salvação ou de remissão para a nossa terra e nossa gente; e também que Guimarães se **redima** só pelo facto de o erigir.

Não! Muito nos merecem de saúde, de honra e de louvor, os filhos de Guimarães sacrificados à loucura da Grande Guerra, para ela arrastados miseravelmente, mas que nela morreram com glória!

Por isso mesmo queremos o Monumento — mas queremos-lo erigido não como tirado a «força» (*Notícias de Guimarães* — número 201 de 9 de Novembro de 1935) e construído *ad libitum* por uma comissão que não é, por muito distinta que seja, aquela entidade competente, como a única e legal representante do concelho de Guimarães.

Não se pense por **mora questão política onde pessoas**, reeditar um triste facto há anos ocorrido e com o qual nenhuma paridade ou semelhança há, nas *circunstâncias actuais*!

Construa-se o Monumento aos Mortos da Grande Guerra, condigno como deve ser, mas erigido por quem de direito — só assim ele representará a homenagem de saúde e de gratidão da terra nossa e da nossa gente; só assim **oficialmente** ele terá o carácter e o significado que deve ter: homenagem **oficial** do concelho de Guimarães; só assim o Monumento será digno dos valentes do 20 de Infantaria.

EUGÉNIO VAZ VIEIRA.

“Revista de Guimarães”

Recebemos o último número desta instrutiva revista — volume XLV — dirigida pela Sociedade Martins Sarmento.

Encerra cartas de Martins Sarmento ao padre Martins Capela e colaboração de Pedro Vitorino, Augusto César Pires de Lima, Alberto V. Braga, João Lopes de Faria, M. C. e J. da Silva Campos.

Agradecemos o exemplar enviado.

PATROCINADO PELA
UNIÃO NACIONAL

“Alicerces” dum Monumento

I

Agora que vejo um nome de probidade a discutir «o caso do Monumento», mal parecia não dar esclarecimentos onde eles são necessários.

Relata o sr. capitão Duarte Fraga uma reunião realizada em Janeiro de 1935, à qual assistira o mesmo senhor na qualidade de presidente da Liga dos Combatentes, conjuntamente com os membros da Comissão de Estética Municipal.

O relato, corresponde à verdade; até mesmo naquela parte em que o sr. capitão Duarte Fraga diz: — «Ficou... assentado em que fôsem consultados alguns artistas, para ver se eles, mediante um pequeno prémio, se dispõem a apresentar trabalhos seus.»

Redigiu o sr. capitão Mário Cardoso o officio-circular destinado a êsses artistas, indicando-se então — que a verba do monumento a erigir seria de 70:000\$00.

Uma resposta veio a pedir detalhes e esclarecimentos. Comprova-se este facto com documentos recolhidos pelo sr. presidente da Comissão de Estética Municipal.

Entretanto, davam-se casos novos e imprevistos, pelos quais a benévola expectativa de 70:000\$00 para o Monumento, baixava para os 30:000\$00 do subsídio municipal e... pouco mais.

Podem citar-se alguns desses casos não previstos:

a) O pedido de demissão do sr. capitão Duarte Fraga, como presidente da Liga dos Combatentes.

b) A falta, durante longo período, de um presidente na referida Liga, e o pedido de demissão dos vogais.

c) Acentuadas más disposições em se ir para a subscrição pública.

Ainda assim, mesmo com esta temperatura de entusiasmo e com estes escolhos, fizeram-se uns ensaios de subscrição por meio

de «Loteria», os quais arremataram em — zero!

Foi nesta autêntica estagnação de vontades, com uma Liga de Combatentes *acéfala*; com manifestações de aberta hostilidade em certos departamentos; sem pioneiros para a acção, que eu, vendo sossobrar a propria idea do Monumento, deliberei — *solicitar* ao sr. António de Azevedo, muito illustre escultor, e *sem compromisso*, um projecto de Monumento sob as seguintes condições:

a) Obedecer ao pensamento da proposta municipal aprovada em 22 de Novembro de 1934, isto é: que a concepção do Monumento se inspirasse «num sentimento de admiração e piedade aos mortos» e nunca em ideas bélicas, de hostilidade aos vivos.

b) Tomar como base de custo a importancia de 30 a 40 contos, para projecto e execução.

c) Admitir como local *próximo* o fundo da Torre da Alfândega, com vista para a Avenida da Estação.

Foi nestas condições e circunstancias que o Artista generosamente se propôs fazer o seu «croquis» — trabalho que, um dia, apareceu sobre a mesa da Câmara para primeira consulta dos senhores Vereadores...

Por parecer particular de um membro da Comissão de Estética, — um dos que ficou sempre fiel à idea do concurso e se receava pronunciar sobre um «croquis» — fui mais adiante, conseguindo ver *aprovada pela Câmara* uma proposta, autorizando-me a encomendar uma «maquette» por 300\$00 ao sr. Francim Júnior, sob a direcção do escultor A. de Azevedo.

... E fica o resto para a outra vez; pois que, havendo explicado as razões da falta de concurso para uma «maquette», agora sou pelo voto dos que clamam e querem o concurso.

A. L. DE CARVALHO.

Dr. Artur Valente

Na presença dos homens do fóro e de prestigiosas individualidades da nossa terra, tomou posse no dia 12 do lugar de juiz de direito da Comarca, o integérrimo magistrado Ex.^{mo} Sr. Dr. Artur Augusto de Oliveira Valente.

Saúdo o novo juiz da Comarca o Sr. Dr. João Aires, conservador do Registo Predial, que em palavras de fino recorte literário, traçou o perfil nobre e varonil do Ex.^{mo} Sr. Dr. Artur Valente.

Falou em seguida o Sr. Dr. Francisco Soares, que com expressão e brilho, enalteceu o empossado.

Por fim, dirigiu palavras de elogio ao novo magistrado, em nome dos advogados da Comarca, o Sr. Dr. João Rocha dos Santos.

O Ex.^{mo} Sr. Dr. Artur Valente, extremamente sensibilizado, agradeceu num breve discurso, as palavras de apreço que lhe dirigiram.

Ao novo juiz, ornamento da magistratura portuguesa, *O Berço da Grei* apresenta os seus cumprimentos.

CORPORATIVISMO

A' MARGEM

A vitória do Corporativismo

Pronunciou em Lisboa duas conferências sobre corporativismo, o consagrado professor e estadista romeno Manoilescu, uma das mais notáveis capacidades de sociólogo da Europa.

Da sua primeira conferência, reproduzimos alguns passos.

«O corporativismo é o sistema de conservação social dos povos e o imperativo do nosso século, corrigindo os erros do capitalismo; não é conservador mas revolucionário; é uma organização viva em marcha para o futuro.

«O corporativismo português, afirma o prof. Manoilescu — reflecte admiravelmente o carácter colectivista do povo.

«O douto e notável prof. Manoilescu analisou e condenou a doutrina da Revolução de 89, causa da desordem económica que o mundo atravessa.

«No conceito da revolução francesa, — afirma o ilustre conferente — o homem era entregue aos maiores exageros, ao individualismo mais feroz.»

«Com esses conceitos surgiu o homem fera, entregue aos seus instintos de egoísmo.»

«E como consequência dessa falência exibe-se o panorama actual dos povos a braços com a «chomage», a crise material, política e económica.»

O quadro está claro e expressivo.

A solução da desorganização económica reside no corporativismo.

Assim falam abalisados catedráticos europeus.

Os peralvilhos cá do burgo, ócos e vazios, persistem, apesar de tudo, na sua crítica parva, sublinhada por rizinhos trocistas, à nossa orientação corporativa.

Nós, porém, reconhecendo que tudo isso é consequência da incultura, da deficiência mental, da ausência de espírito observador, vamos-lhes perdoadando.

VIDA MILITAR

É da máxima conveniência, nesta época das encorporações, lembrar aos patrões e muito especialmente aos dirigentes dos Sindicatos, o art. 29.º do Estatuto Nacional de Trabalho: «é garantido aos empregados das empresas privadas o direito ao lugar durante todo o tempo em que forem obrigados a prestar serviço militar.»

Cumpra aos Sindicatos, como fieis intérpretes do Estatuto que os orienta, agir na hora própria pelo cabal cumprimento do art. 29.º

A lei é clara; exige-se a sua execução, quando os mancebos voltarem aos seus misteres.

A sindicalização é a obrigação de todo o operário

As palavras de elucidação e propaganda do nosso colega Magalhães sobre a obrigação que a todos os operários assiste de serem sócios do seu Sindicato, têm em mim um leitor assíduo e atento, porque elas traduzem precisamente a minha opinião.

Reconheço que a sindicalização é tão necessária aos operários como o próprio trabalho de cada dia.

E sabem porquê?

Emquanto o produto do trabalho serve para comprar os géneros com que nos alimentamos, o produto da sindicalização serve para obter salários justos, condizentes com o esforço produzido; subsídios a desempregados involuntários, a inválidos, inutilizados no trabalho e àqueles cuja idade não resiste ao pesadelo da ferramenta ou ao esforço que a coordenação dos movimentos de uma máquina exige.

Além disso, sindicalizando-se contribuirá para a conquista das nossas reivindicações como também para o engrandecimento da nação e do governo que a rege.

Talvez pareça paradoxal a muitos esta minha comparação, mas a minha inteligência não sabe estabelecer outro paralelo.

Os operários necessitam urgentemente de se sindicalizar, se querem conhecer os benefícios da Organização Corporativa.

Cumpra a todos os trabalhadores deitar para um canto a ignorância que os envolve e que a classe patronal siga o mesmo caminho, porque a lei corporativa foi traçada para o capital e trabalho.

Há necessidade urgente da adesão de estas duas partes.

Todos devem reconhecer que chegou a hora da Revolução Nacional, a hora da Justiça dos trabalhadores, hora suprema e sublime que Salazar providencialmente iniciou.

Os operários têxteis já vão reconhecendo toda essa justiça que lhes está sendo feita.

Ainda ultimamente registou-se uma adesão numerosíssima de trabalhadores; muito mais do que durante todo o ano passado.

As nossas palavras elucidativas, semente de uma Nova Era, vão caindo em bom terreno. Nascem os primeiros frutos.

Oxalá que os demais colegas se compenbrem do seu dever.

É o que simplesmente anseia este camarada de trabalho.

FRANCISCO FORMIGA.

Sindicato N. dos Cateleiros

No dia 12 de Março reuniu na sua sede em Creixomil, a direcção deste Sindicato sob a presidência do sr. António Francisco de Oliveira. Depois de dar despacho ao expediente, foi tomado conhecimento do convite para uma reunião feita pelos senhores industriais que fazem parte da comissão para elaboração das tabelas do Acôrdo Colectivo de trabalho.

Continuam desta maneira os trabalhos para a elaboração do Acôrdo Colectivo, com cujos trabalhos esta direcção se congratula.

Foi resolvido enviar à Sociedade da Independência de Portugal a lista de donativos para compra do palácio da Restauração.

União Nacional

A União Nacional é uma organização civil de apoio ao Estado Novo, formada pelos portugueses que defendem os princípios da sua doutrina nacionalista e corporativa.

Não basta dizer-se nacionalista ou do Estado Novo. É necessário estar inscrito na União Nacional por intermédio das Comissões de Freguesia ou da Comissão Concelhia. A todos os vimaranenses que por descuido, falta de oportunidade ou por qualquer outra razão se não encontram ainda devidamente inscritos, não obstante a sua concordância com os princípios do Estado Novo, se lança o apêlo para que o façam sem demora, podendo requisitar na nossa Redacção os boletins necessários, que, depois de devidamente preenchidos, faremos chegar até à Comissão Concelhia local.

É inútil encarecer a necessidade duma organização perfeita. Só assim se pode opor — à perfeitíssima organização comunista — uma trincheira inexpugnável.

Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda

No salão-cine deste estabelecimento de ensino, e em benefício da sua Caixa Escolar, continuam todos os domingos a exhibirem-se apreciáveis filmes mudos.

Segundo nos informam na sessão de domingo passará um filme-sonoro.

A sua demofilia

Obeso e rubicundo, opiparamente instalado na vida, o conservador desentranha-se em tiradas de sentimental humanitarismo.

Escudado nos rendimentos dos seus capitais e herdades, filosofia e crítica.

No campo social ninguém lhe aponta uma benemerência.

Apesar disso, este conservador, «eternamente de conserva» é pelo povo.

Porque paga contribuições, e o seu desejo era aferrolhar o dinheiro todo, sempre que se oferece um ensejo, aproveita-o, para dirigir uma «bisca».

Surpreendi-o numa hora de humanitária cavaqueira.

A discussão desliza sobre inquéritos sanitários a fábricas e oficinas.

O conservador, numa manifestação de demofilia, emite este grave e conspícuo parecer: «isso é mais uma leria para entreter o povo».

Ele que se recusa a dar 5\$00 mensais para a «Casa do Povo»; que nada contribue para a assistência; que odeia os Sindicatos; que repele o corporativismo; afirma-se, contudo, defensor do povo.

Este é um exemplar típico da vasta fauna de conservadores...



Ainda os conservadores

A passividade e a inércia dos conservadores, ante a onda vermelha, tem suscitado a toda a imprensa do Estado Novo, palavras de justa condenação.

Enclausurados num egoísmo revoltante, glutões e sensuais, são os conservadores que para aí bambuleiam as suas carne papudas, lançando «piscadelas lurtivas aos autores da decadência nacional», a causa de muito mal-estar.

Como tivessem reconhecido no corporativismo uma ansia incontida de justiça, já se aglutinam e conjugam esforços para entrar a marcha da Revolução a que Salazar preside.

Nem o vulcão comunista a poucos quilómetros de distância, chama à realidade da vida, estas consciências endurecidas no mais ferrenho egoísmo.

Que obras tendes vós a paten-tear os vossos sentimentos cristãos e humanos?

Onde está a creche, o lactário, a cantina, a escola, a maternidade, a recomendar a vossa protecção às classes trabalhadoras?

Tem imensa razão o combativo paladino da doutrina do Estado Novo, *A Vos de Fafe*, quando afirma «que só o azorrague sangrento pode fazer despertar estes homens que fogem ao cumprimento do dever».

PRO-HOMENAGEM A GIL VICENTE EDUCAÇÃO PROVEITOSA

Publicamos hoje as respostas dos srs. Jerónimo de Almeida, distinto poeta vimaranense, e Fernando Campos, escritor nacionalista consagrado pelos seus estudos críticos e históricos, ao nosso inquérito sobre a forma mais condigna de homenagear o genial comediógrafo quinhentista.

Os valiosos depoimentos publicados, permitem já a organização do plano comemorativo da passagem do centenário de Gil Vicente.

Feito este oportuníssimo inquérito, urge entrar no campo das realidades, traçando as directrizes da homenagem que Guimarães tem de prestar ao seu glorioso filho.

Trabalhemos desde já, para converter em factos alguns dos alvitres aqui sugeridos:

... Sr. Director de *O Berço da Grei*:

Agradecendo-lhe, sensibilizado, a honra que me dá com o officio que venho de receber, em que se versa o assunto de máximo interesse espiritual para a nossa Terra — da Homenagem a prestar a Gil Vicente, por ocasião do seu próximo IV Centenário —, permita-me que responda aos seus questionários:

1.º — Para Guimarães (suposto Berço natal do imortal comediógrafo) julgo que a forma mais condigna de homenagear o Génio Vicentino, nesta oportunidade, será construindo o decantado Teatro, que deve ter o seu Nome, e que por infelicidade nossa não poderá ser inaugurado nesse dia festivo, em prejuízo de uma maravilhosa Consagração que em tal data se deveria levar a efeito.

2.º — Pelo maior interesse que em Guimarães deve despertar a passagem deste Centenário, entendo que nos deveríamos antecipar a toda a iniciativa neste sentido, embora ou ainda mesmo fazendo naturalmente atrair a colaboração do País, visto tratar-se de uma Figura Nacional e não simplesmente de uma Glória local.

3.º — Quanto à construção de um Monumento em honra de Mestre Gil, julgo que ficaria óptimamente qualquer glorificação no próprio edificio do *desejado* Teatro — à maneira do que acontece no Teatro Garrett, de Lisboa —, ainda que tal Monumento, que um dos nossos melhores estatuarios devia executar, não pudesse ficar no devido lugar na ocasião da Comemoração, por motivo de o Teatro não estar concluído. Conquanto este facto não agradasse, talvez, a muitos vimaranenses, o certo é que a *grande dívida*, em qualquer dos casos, ficaria assim *mais bem paga*.

Desculpe-me V. Ex.^a se a miua modesta opinião — como humilde discípulo das Musas nacionais, de que Gil Vicente foi Mestre — não representar a justa aspiração de meus Conterrâneos e, designadamente, da illustre Direcção deste esparçoso semanário, mas... cada um diz o que sente.

Sempre ao dispor e com muita consideração, creia-me sempre amigo certo,

Jerónimo de Almeida.

... Senhores:

Embora com grande atraso, do que espero me desculparão, venho hoje responder, em poucas palavras, ao inquérito iniciado

(Continuação da página 3)

Reparem, que a lógica é neste ponto implacável. Toda a criança, com raras excepções é inclinada a praticar o que pode fazer com o menor esforço, e muitas, nascem já com taras mais ou menos graves, taras de origem viciosa, que herdaram dos seus progenitores.

Umás, portanto, nascem com índole boa, porque procedem de boas famílias; e outras, com índole má, se procedem de famílias más.

Mas o que é certo, o que é evidente, é que todas se podem modificar, e tornar boas pela educação moral que lhes imprimirem nas almas! Ninguém pode negar este ponto sem se contradizer na sua consciência! Assim como uma criança, com boa índole de nascença, se pode converter num desgraçado, pela má educação que receber, também as crianças com más tendências ancestrais, se podem modificar e regenerar, como de facto se regeneram!

E o que seria da Humanidade, se assim não fôsse?! Se ainda assim os crimes são tantos, as ruínas morais tam desastrosas, como se poderia viver, se se deixassem crescer todas as crianças sem lhes reprimir os ímpetos maldosos!!!

O ponto principal está em escolher e assentar definitivamente, *que toda a educação moral deve firmar-se no principio da idea de Deus*. Sim, é necessário, que a educação moral assente em um ideal supremo, de felicidade, que leve a criança insensivelmente a tornar-se boa, para por meio de um aperfeiçoamento progressivo se elevar para o bem, para a virtude, isto é, para Deus, nosso supremo bem!

Mas como este artigo vai já longo, e é preciso que sobre o assunto se diga mais, e muito mais, voltarei a êle no próximo número.

JOAQUIM DA SILVA GODINHO.

pelo vosso semanário — utilíssima iniciativa de que só podem ser louvados os promotores.

Assim, e pela ordem das perguntas formuladas, responderei:

1.º — Erguer-lhe um monumento em lugar apropriado e reeditar-lhe as obras em edições ao alcance dos estudiosos das nossas letras.

2.º — Guimarães tem razões especiais para dar um carácter local à homenagem, o que não me parece incompatível com o facto de interessar todo o País numa consagração nacional.

3.º — Sou de opinião que o Governo, ao glorificar as grandes figuras da nossa História não pode nem deve esquecer o fundador do Teatro português, exigindo em Guimarães — sua suposta terra natal — um monumento condigno à memória desse precursor de Molière, «sobre cujo génio o génio de Gil Vicente se adiantou quasi dois séculos», como observava um dia o sr. Dr. Afonso Lopes Vieira.

Agradecendo a V. Ex.^a o haverem-se lembrado do meu nome para depor no vosso inquérito, e felicitando-os sinceramente pela benemérita iniciativa, subscrevo-me, com toda a consideração, camarada admirador,

Fernando Campos.

LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

(Secção auxiliar feminina)

A Comissão Administrativa da Sub-Agência de Guimarães, recebeu uma circular assinada pela Ex.^{ma} Sr.^a Francisca Ferreira Martins, solicitando o seu prestimoso auxílio para a organização da Sub-Secção Auxiliar Feminina.

Este núcleo, adstrito à Liga dos Combatentes da Grande Guerra, será composto de 3 membros: uma presidente, uma secretária e uma tesoureira.

A Comissão da Sub-Agência de Guimarães convidará três senhoras das que acederem ao apêlo, para a constituição nesta localidade da «Secção auxiliar feminina».

GOVERNADOR CIVIL DE BRAGA

Passou no dia 12 do corrente o aniversário natalício do Ex.^{mo} Sr. Capitão Licínio Preza, prestigioso governador civil do nosso distrito.

A Sua Ex.^a as nossas felicitações.

Pia Associação dos A. do Sagrado Coração de Jesus

Conforme noticiamos no nosso número anterior realizou-se no passado domingo a missa mensal desta Pia Associação na Igreja do Carmo, a qual foi aplicada pela alma do seu associado sr. Jerónimo Félix.

A êste piedoso acto assistiu a família e muitos associados.

FALECIMENTOS

A' rua de Santo António, faleceu a sr.^a D. Maria Olímpia da Cunha Guimarães, tia do nosso prezado assinante ex.^{mo} sr. Mário Cunha de Almeida Ferreira.

Enviamos sentidos pêsames.

D. Maria da Conceição

Faleceu no Asilo de S. Paio, onde estava acêrca de 40 anos, a irmã hospitaleira D. Maria da Conceição.

Contava 88 anos e era natural de Proença-a-Nova.

Paz à sua alma.

— A' sua residência no largo 28 de Maio, faleceu a extremosa mãe do nosso amigo sr. Inácio Ferreira da Costa.

O seu funeral foi muito concorrido.

A' família dorida enviamos sentidos pêsames.

P.^o CAETANO DE ALMEIDA

Esteve nesta cidade no passado dia 16, o rev. sr. padre Caetano de Almeida, que veio de visita a sua numerosa família.

No dia 17, celebrou uma missa na igreja dos Santos Passos, por alma dos parentes falecidos.

Higiene e Puericultura

A tuberculose

A tuberculose, a peste branca como alguém lhe chamou, é uma doença contagioso-típica que ataca novos e vélhos, pobres e ricos e que dizima anualmente em Portugal cêrca de 20.000 vidas.

A gravidade dêste flagêlo social toma maior vulto se compararmos os estragos produzidos pela doença entre nós com os que causa em muitas outras nações.

Emquanto que na Dinamarca, nos Estados Unidos e na Inglaterra, países onde a luta anti-tuberculosa tem sido bem orientada e compreendida e onde a higiene não é uma palavra fútil, se verifica que o índice de mortalidade baixou, nos últimos 20 a 30 anos, respectivamente de 68, 42 e 31 p. c., em Portugal, neste país riquíssimo de ar e de luz, viu-se o número de óbitos aumentar de 50 p. c.

Ultimamente, com a fundação de novos estabelecimentos de assistência social visando a luta anti-tuberculosa e com a aturada campanha de propaganda profiláctica feita por todo o país, parece que o flagêlo tende a declinar um pouco.

E' necessário não esmorecer e intensificar cada vez mais essa propaganda, levando ao conhecimento de todos que a tuberculose se transmite por contágio e que é, muitas vezes, curável quando descoberta a tempo e quando o doente siga à risca as prescrições médicas inteligentemente orientadas.

A tuberculose é uma doença que ataca todos os órgãos, mas, a mais grave, pela sua contagiosidade, é a pulmonar.

Toda a pessoa que se julgue afectada, em princípio, desta doença, tem obrigação, para seu bem e dos outros, de procurar o médico.

Devem considerar-se como sintomas suspeitos de tuberculose o enfraquecimento, a perda de cor e apetite, os suores fáceis, o abatimento moral, o cansaço, a falta de ar, as insónias, a febre pouco elevada e renitente, a tosse sêca ou com expectoração, consecutiva a uma constipação vulgar, à gripe, etc., etc.

E' claro que todos estes sinais podem ter outra origem, mas devem chamar a atenção do portador, porque em matéria de tuberculose, mais do que em qualquer outra doença, mais vale prevenir do que remediar. Quanto mais avançado estiver o mal, menos probabilidade haverá de cura.

Embora a tuberculose não se

herde, como é crença quasi unânime, os filhos de tuberculosos, assim como as pessoas fracas, estão sempre mais arricados a contraí-la, precisando, por isso, de redobrar os cuidados com a saúde.

Aos recém-nascidos, filhos de tuberculosos ou suspeitos, deve fazer-se durante os 10 primeiros dias de vida a vacinação anti-tuberculosa pela B. C. G. que se administra por via bucal e é absolutamente inofensiva e de resultados profiláticos muito animadores.

Esta vacina pode ser adquirida no Instituto Câmara Pestana, de Lisboa, que já hoje a prepara.

Há animais que se tuberculizam e podem contagiar o homem: a vaca pelo seu leite ou pela sua carne mal cozida; o porco pela sua carne, principalmente quando comida crua (presunto, chouriço, etc.); o cão por lambem as mãos do dono; o paggaio, que, cohabitando com um doente, se tuberculiza facilmente, sendo depois muito contagioso pelas ulcerações existentes junto do bico, palpebras, etc.

Além dêstes podem ainda tuberculizar-se as galinhas e outras aves, os gatos, os cavalos, os burros e os macacos.

Estes últimos no nosso clima morrem quasi sempre desta doença.

Não há nenhum tratamento seguro da tuberculose uma vez instalada no organismo com uma certa intensidade.

O que é necessário é evitar o contágio, o enfraquecimento orgânico, viver em boas condições higiénicas de habitação, alimentação, trabalho, descanso, etc. e fazer tratamento apropriado ao mais pequeno sinal de alarme.

Nenhum tuberculoso tem o direito de contagiar a sua família ou os seus semelhantes, devendo sempre conhecer e sujeitar-se a seguir os respectivos preceitos higiénicos.

Devem empregar-se todos os meios para destruir o terrível bacilo de Koch, tais como:

a) *Separar e desinfectar a roupa dos tuberculosos* — Para isso, devem mergulhar-se imediatamente num balde ou numa lata grande com tampa, contendo água de Javel ou uma solução a 4 p. c. duma mistura de 50 partes de lixívia de soda, 50 partes de creolina e 20 partes de sabão negro que se ferve durante meia hora, ou mesmo a frio, durante 12 horas;

b) *Fazer escarrar o tuberculoso num escarrador* — Em casa

A NOSSA COBRANÇA

Tem sido generosamente recebida a cobrança do primeiro trimestre de *O Berço da Grei*.

Registamos com satisfação a maneira inteligente como os nossos assinantes souberam corresponder à nossa acção jornalística.

Dinheiro

Empresta-se sobre 1.^o hipoteca.

Nesta Redacção se diz.

o tuberculoso deve ter sempre um escarrador grande numa sala, que nunca se deixará secar, contendo um líquido desinfectante que poderá ser:

Sabão negro..... 8 gramas
Carbonato de sódio sêco 4
Solução de formol a 35% 40 cent. c.
Água ordinária, q. b. para 1 litro

Na algibeira deve trazer um escarrador de vidro ou metal, que desinfectará todos os dias pela fervura em água carbonatada sódica;

c) *Não escarrar no chão* — As pessoas são têm obrigação de dar o exemplo. As poeiras, absorvendo os bacilos dos escarras, podem ir infectar os alimentos ou directamente as pessoas, quando levantados pelo vento ou levados pelas môscas, etc.;

d) *Destruir as môscas, as formigas e outros insectos* para evitar que levem poeiras com bacilos para a alimentação, etc.;

e) *Evitar levantar pó* — Para isso deitar no chão serradura húmida antes de varrer ou passar o soalho a pano molhado em líquidos desinfectantes;

f) *Separar e desinfectar a louça e os talheres*, fervendo-os em água com carbonato de sódio;

g) *Evitar as partículas de saliva (perdigotos) durante a tosse do tuberculoso* — Este deve ter o cuidado de não tossir sem colocar o lenço diante da bôca.

As crianças e pessoas fracas não devem ter convivência com doentes desta natureza e os outros deverão ter os máximos cuidados de desinfecção.

As casas habitadas por muitas pessoas, viciando o ar, mal ventiladas e iluminadas, predispoem para a tuberculose.

As pessoas atacadas desta doença — em proveito próprio e dos outros — não devem frequentar espectáculos, cafés e demais lugares aonde haja aglomeração de pessoas e atmosfera viciada.

A vida ao ar livre, evitando as correntes de ar e os ventos, respirando fundo, sem violência, pelo nariz, é favorável aos tuberculosos ou candidatos à tuberculose.

Muito mais haveria a dizer sobre êste flagêlo social, mas, como êste já vai longo, ficará para outra vez.

J. F.

PEDIBOLA

Vitória 3 — Gaia 0

Visitou-nos domingo pretérito, o Gaia S. C., que em luta com o Vitória foi derrotado por 3-0.

Enérgico e impulsivo na defesa, irregular e desaharmónico no ataque, o grupo gaiense valoroso em destruir jôgo, revelou-se mediocre em construí-lo.

Só assim se compreende o escasso número de bolas obtido pelo Vitória, apesar do acentuado domínio que disfrutou.

Clemente meteu duas bolas e Bravo uma, com um chute imparável.

Na defesa estreou-se Dário, que teve uma apreciável actuação.

Dirigiu o encontro, com acerto e imparcialidade, o árbitro local, sr. João Passos.

Antes deste desafio jogaram as reservas que venceram o antagonista pelo *score* de 6-0.

Arbitrou este último encontro o sr. Mendes de Oliveira.

Vitória — Leixões

Realiza-se amanhã, em Leça, o encontro Vitória - Leixões.

Todos os adeptos do grupo local poderão utilizar-se do combóio que daqui parte à meia hora, tendo no regresso um combóio especial.

Cumpra aos aficionados do Vitória, neste encontro decisivo, prestar ao seu grupo favorito aquela assistência moral, calorosa e entusiástica, capaz de garantir, sem desmentidos nem dúvidas, um triunfo que a todos os títulos se anseia e se impõe.

Vimaranenses, acompanhai o vosso grupo nesta jornada de largas responsabilidades! Incitai-o à vitória, com ardor e energia!

Movimento Escutista

E' no próximo dia 29 que se inaugura o novo grupo n.º 116, «Senhora da Oliveira», a que toda a freguesia prestou o seu melhor concurso.

No dia 26 haverá, às 9 horas da noite, na Igreja do Carmo a «Velada de Armas», cerimónia religiosa, como preparação para a promessa solene.

No dia 29, às 9 horas da manhã, na mesma Igreja, haverá missa rezada, pelo Rev. Cônego José Martins Gonçalves, digníssimo Secretário Geral do C. N. E. e delegado de Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} Sr. Arcebispo de Braga, digníssimo Assistente Nacional do C. N. E. De tarde, às 3 horas, haverá um desfile com todo o núcleo, pelas ruas da cidade.

Avante rapazes pelo progresso da nossa querida Associação.

Os destinos do C. N. E. dependem da vossa marcha firme e resoluta.

Se toda a Juventude Portuguesa se enfileirar no nosso Ideal, Portugal será forte e nobre, de Carácter e Sentimento.

BICHINHO.

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Alcateia n.º 4 (D. Afonso Henriques) — Amanhã realiza-se a Comunhão Pascal colectiva, pelo que todos os lobitos se devem confessar hoje.

A formatura será às 8 horas.

Grupo n.º 6 (S. Dâmaso). — Realizando-se amanhã a Comunhão Pascal colectiva dos vários ramos da Juventude Católica, os escutas deste Grupo devem confessar-se no sábado para esse fim.

A formatura será às 8 horas.

Secretaria Judicial de Guimarães

ANUNCIO

2.ª Publicação

Por deliberação dos interessados no inventário orfanológico a que se procedeu por óbito de Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, morador que foi nesta cidade, e em que foi inventariante a viúva que do mesmo ficou, D. Elvira Leão da Cruz Costa, desta cidade, há-de proceder-se, no dia 5 próximo mês de Abril, à arrematação, nos locais e horas adiante designados, dos seguintes bens, que serão entregues a quem maior lance oferecer acima dos valores por que vão à praça:

No Tribunal Judicial, às 14 horas:

Uma morada de casas de dois andares, situada com os números de polícia 20 e 22, na Rua Camões, da freguesia de S. Sebastião, desta cidade, descrita na conservatória sob o n.º 64, do L.º B-1.º. Vai à praça pela quantia de 5:000\$00.

Uma morada de casas com os números de polícia 21, 23 e 25, sita na Rua 31 de Janeiro, desta cidade, freguesia de S. Paio, descrita na conservatória sob os n.ºs 12:295 e 7:821, sendo este a repetição do n.º 434; o quintal deste prédio tem servidão de bois e carro que do mesmo quintal dá para a rua de Paio Galvão e Praça do Mercado. Vai à praça pela quantia de 50:000\$00.

O Casal do Miógo, com todas as suas pertenças, situado nas freguesias de

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partidas de Guimarães
8 h., 12,30 e 18,15

Partidas do Porto
8 h., 10,15 e 17

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães
7,30 h.

Partida da Fóvoa
17,30 h.

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partidas de Guimarães
7,35 h., 12 e 19

Partidas de Pevidem
8 h., 12,30 e 19,30

S. João de Ponte e Vila Nova de Sande, desta comarca, e que se compõe das seguintes glebas:

O Assento do casal do Miógo, que se compõe de casas térreas, para caseiro, eido, eira térrea e ladrilhada e casas para senhorio, quintal, campo da Vinha, campo de Cima e o Campinho, descrito na conservatória sob o n.º 24:116.

Campo da Vessada do Outeiro, hoje do Lameiro, o Tojal ou Bouça do Pinheiral e Leira da Cachada da Vega, descrito na conservatória sob o n.º 24:419.

A Deveza de Fora das Portas, denominada do Miógo, descrita na conservatória sob o n.º 24:420.

Sorte de mato com carvalhos e sobreiros, atravessada por dois caminhos, descrita na conservatória sob o n.º 24:421.

Campo das Bouças, tendo ao norte um pequeno terreno de mato e ao sul uma junqueira, descrito na conservatória sob o n.º 24:422.

Propriedade chamada da Deveza, com casas térreas, terrenos de horta e Campo da Deveza, descrita na conservatória sob o n.º 24:423.

Estas glebas situadas na freguesia de S. João de Ponte.

Bouça de mato denominada dos Borregos ou dos

Borrecos, situada na freguesia de Vila Nova de Sande, com eucaliptos, pinheiros e carvalhos e ao nascente uma casa térrea de pedra e cal e telhada, com um terreno de horta. Está descrita sob o n.º 26:665.

Este casal do Miógo vai à praça pela quantia de 120:000\$00.

A porta da Garage Avenida, na Avenida Cândido dos Reis, desta cidade, pelas 15 horas:

Um automóvel Fiat, com o n.º 536-N; — vai à praça pela quantia de 5:000\$00.

Um automóvel Ansaldo, com o n.º 3:278-N; — vai à praça pela quantia de 1:000\$00.

No lugar do Miógo, freguesia de S. João de Ponte, desta comarca, pelas 16 horas:

Diversos móveis que guarnecem a casa de senhorio do Casal do Miógo, que irão à praça por metade do valor da avaliação.

A sisa fica a cargo do arrematante, pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Guimarães, 9 de Março de 1936.

O chefe da 3.ª secção,

Luiz Candido Lopes.

Verifiquei:

O substituto do Juiz de Direito,

Araújo Abreu.